



Guilherme Silva Pires de Freitas

Recebido: 23 Junho 2023

Aceito: 17 Setembro 2023

Publicado: 31 Dezembro 2023

## Esporte, identidade e integração de jogadores da Copa dos Refugiados e Imigrantes através de entrevistas semiestruturadas

### Resumo

Este artigo busca, através de entrevistas semiestruturadas realizadas no Estado de São Paulo com jogadores e migrantes, um melhor entendimento sobre como o evento de futebol amador, Copa dos Refugiados e Imigrantes, ajudou no processo de integração de refugiados no Brasil. O campeonato, criado na esteira da Copa do Mundo de futebol masculino em 2014, busca utilizar o futebol como elemento de integração social e discussão sobre a causa do refúgio no Brasil. A pesquisa também analisa como o torneio de futebol foi um importante elo de ligação para aproximar estes sujeitos com outras comunidades migrantes em São Paulo. A realização da competição também ajudou estes indivíduos em situação de refúgio a manter contato outros sujeitos em situação semelhante, fortalecendo assim suas 'identidades migrantes'.

**Palavras-chave:** Identidade; Integração; Copa dos Refugiados e Imigrantes; Futebol; Entrevistas Semiestruturadas.

## Sport, identity and integration of Refugees and Immigrants Football Cup players through semi-structured interviews

### Abstract

This article seeks, through semi-structured interviews carried out in the State of São Paulo with players and migrants, a better understanding of how the amateur soccer event, Refugees and Immigrants Football Cup, helped in the process of integration of refugees in Brazil. The championship, created in the after of the Men's Football World Cup in 2014, seeks to use football as an element of social integration and discussion about the cause of refuge in Brazil. The research also analyzes how the soccer tournament was an important link to bring these subjects closer to other migrant communities in São Paulo. The holding of the competition also helped these individuals in a refugee situation to keep in touch with other people in a similar situation, thus strengthening their 'migrant identities'.

**Keywords:** Identity; Integration; Refugees and Immigrants Football Cup; Football; Semi-structured Interviews.

### Introdução

Os fluxos migratórios são sem dúvida, um dos maiores temas discutidos e debatidos em diferentes esferas do conhecimento. Ação realizada pelo homem desde seus primórdios, o ato de migrar é um direito da humanidade como consta no artigo 13 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (United Nations, 1948). Entre as diferentes classificações migratórias existem aquelas oriundas de deslocamentos forçados que vêm enfrentando um considerável aumento ano após ano.

Na última década, o número de pessoas em situação de deslocamento aumentou drasticamente.

O último relatório anual do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), agência da Organização das Nações Unidas responsável pela causa do refúgio, apontou para o número recorde de 108,4 milhões de pessoas vivendo em situação de deslocamento forçado (Unhcr, 2023, p. 2). A grande maioria, 62,5 milhões, é composta pelos deslocados internos, pessoas que deixam suas casas e se abrigam em outros locais dentro do próprio país em questão. Em segundo lugar aparecem os indivíduos que se deslocam internacionalmente, os refugiados. Eles somam 35,3 milhões de pessoas vivendo fora de seu país natal (Unhcr, 2023, p. 2).

Segundo o Acnur uma pessoa em condição de deslocamento forçado seria alguém:

[...] com medo de ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertencer a um grupo social ou ter opinião política específica, estar fora do país de sua nacionalidade e ser incapaz ou, devido para tal medo, não está disposto a se valer da proteção daquele país; ou que, não tendo uma nacionalidade e estando fora do país de sua antiga residência habitual como resultado de tais eventos, é incapaz ou, devido a tal medo, não está disposto a retornar a ele (Unhcr, 2010).<sup>1</sup>

O Brasil é signatário tanto do Estatuto do Refugiado das Nações Unidas de 1951, quanto do Protocolo Relativo ao Estatuto dos Refugiados de 1967, que aboliu as restrições temporais e geográficas e passou a reconhecer refugiados em todo o mundo. No Brasil o órgão responsável por analisar solicitações de refúgio é o Comitê Nacional para Refugiados (Conare), que em seu último relatório, divulgado em junho de 2023, contabilizou 65.840 refugiados vivendo em território brasileiro (Junger da Silva et al, 2023, p. 23). O órgão ainda revelou que recebeu 50.355 solicitações de refúgio somente em 2022, sendo a maioria oriunda de venezuelanos que chegam ao Brasil cruzando a pé a fronteira com o Estado de Roraima (Junger da Silva et al, 2023, p. 10).

Com o crescente aumento de refugiados em solo brasileiro a partir da década passada, o Brasil formou uma diversificada população de indivíduos vivendo nestas condições. Visando chamar atenção para a causa do refúgio e fortalecer suas comunidades, esses sujeitos se inspiraram na Copa do Mundo de futebol masculino da FIFA de 2014, realizada no Brasil, para criar a “sua versão de Mundial”. Nasceu então a Copa dos Refugiados e Imigrantes, um torneio de futebol amador que foi ganhando novos adeptos ano a ano, se estabelecendo dentro da comunidade

---

<sup>1</sup> Trecho original: [...] fear of being persecuted for reasons of race, religion, nationality, membership of a particular social group or political opinion, is outside the country of his nationality and is unable or, owing to such fear, is unwilling to avail himself of the protection of that country; or who, not having a nationality and being outside the country of his former habitual residence as a result of such events, is unable or, owing to such fear, is unwilling to return to it. (Unhcr, 2010).

migrante<sup>2</sup> e refugiada no país. Disputada inicialmente em São Paulo, a competição se expandiu chegando a outras capitais e reunindo jogadores de dezenas de países.

Buscando compreender como essa atividade esportiva tornou-se um espaço de integração social e confraternização entre esses indivíduos, impactando inclusive suas identidades, este artigo analisará entrevistas com jogadores participantes e pessoas envolvidas na organização do evento realizadas entre fevereiro e junho de 2023, na cidade de São Paulo. Foi elaborado um roteiro de questões através de entrevistas-semiestruturadas e utilizou-se a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo de Lefevre e Lefevre (2005; 2012) para melhor compreender este coletivo.

Este breve artigo é um recorte da tese de doutorado do autor intitulada “Análise das ondas migratórias ao estado de São Paulo no século XXI através de práticas esportivas e de lazer: a Copa dos Refugiados e Imigrantes”, que está em desenvolvimento na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), sob a orientação do Professor Doutor Marco Antonio Bettine de Almeida.

### **Procedimento metodológico**

Ao todo foram realizadas dez entrevistas com indivíduos que tiveram alguma participação na Copa dos Refugiados e Imigrantes, fossem dentro de campo atuando com as equipes ou na organização do evento. A escolha pelas entrevistas semiestruturadas se deve ao fato desta metodologia ser aplicada essencialmente para atingir objetivos pontuais, “já que a entrevista semiestruturada delimita o volume de informações e direciona a conversa para os objetivos que se pretendem se alcançar” (Boni & Quaresma, 2005, p. 75). Como o interesse maior da pesquisa é compreender como as práticas de esporte e lazer ajudaram estes deslocados em suas adaptações no novo país e como essas ações via esporte impactaram suas identidades, não foi explorado histórias de vida ou fatos mais detalhados de suas trajetórias pessoais.

No campo dos estudos migratórias o método de entrevista vem sendo cada vez mais utilizado em pesquisas recentes, afinal, trata-se de uma área interdisciplinar e com amplo campo para novas pesquisas (Magalhães, 2019, p. 294-295). Esta metodologia também se mostra bastante eficiente para pesquisas sobre fluxos migratórios por conseguir obter mais informações e detalhes em relação a outros métodos de estudo, além de poderem fazer com que o pesquisador e sua fonte criem uma conexão durante a conversa:

---

<sup>2</sup> Optou-se pela utilização neste artigo do termo migrante e não imigrante, como costuma-se publicar em veículos de imprensa e textos acadêmicos. Para tal, o artigo se baseou no “Guia para Comunicadores: Migrações, Refúgio e Apatridia”. Segundo esta publicação, migrante é um termo abrangente, não simplista e aconselhado por especialistas para uso quando se fala de migrações entre países (IMDH; Ficas; MigraMundo, 2019).

As técnicas de entrevista aberta e semiestruturada também têm como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos. Além disso, a interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas. Elas também são possibilitadoras de uma abertura e proximidade maior entre entrevistador e entrevistado, o que permite ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados, ou seja, quanto menos estruturada a entrevista, maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes. Desse modo, estes tipos de entrevista colaboram muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. (Boni & Quaresma, 2005, p. 75).

Entende-se que a comunidade composta por refugiados e pessoas com solicitação de refúgio em análise é de difícil acesso devido a situação de improviso na qual estão vivendo (Bauman, 2007, p. 43-44). Foi observado pelo pesquisador que estes sujeitos evitavam detalhar determinadas situações de vida por diferentes motivos. Portanto, para se chegar a esses indivíduos optou-se por utilizar a metodologia bola de neve, também conhecida como *snowball*. Este método de pesquisa foi considerado como o mais adequado pelo fato de não ser tão simples o contato com membros da comunidade refugiada ou em processo de solicitação de refúgio. Segundo Vinuto (2014), esta técnica é um método de amostragem de rede útil para se estudar populações difíceis de serem acessadas, estudadas, que não há precisão sobre sua quantidade e que contêm poucos membros espalhados por uma grande área.

Outra razão pela escolha desta metodologia se deu pelo fato dela ser uma forma de amostra não probabilística. O *snowball* também “usa redes de referência e indicações e ainda por ser uma técnica útil para se estudar questões delicadas que são de âmbito privado e requerem o conhecimento de pessoas já pertencentes aos grupos para se localizar informantes” (Bockorni & Gomes, 2021, p. 106-107). Vinuto (2014, p. 203) define estes informantes como sementes que tem um papel inicial no processo:

[...] para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado.

Após uma conversa inicial com as sementes, que foram dois sujeitos envolvidos com a organização da Copa dos Refugiados e Imigrantes, a pesquisa obteve as indicações dos primeiros contatos. Desta forma o pesquisador conseguiu aumentar seu leque de contatos e foi adentrando

nesta comunidade com o auxílio de suas sementes. Em seguida novos nomes foram sendo indicados para a realização das entrevistas até se chegar ao número satisfatório de interesse do pesquisador.

Procurou-se obter uma maior diversidade entre os sujeitos entrevistados, já que segundo o Conare ao fim do ano de 2022, mais de 60 nacionalidades haviam solicitado refúgio no Brasil (Junger da Silva et al, 2023, p. 25) e desde 2014 mais de 20 países diferentes chegaram a disputar alguma edição da Copa dos Refugiados e Imigrantes na cidade de São Paulo. Para tal foram entrevistados indivíduos de nove países: Angola, Cabo Verde, Camarões, Colômbia, Guiné Conacri, Guiné-Bissau, Mali, República Democrática do Congo e Síria. As idades variam de 23 a 43 anos. Todos eram fluentes em português e já viviam no Brasil há mais de cinco anos. Nove dos entrevistados são homens e uma é mulher. Os participantes desta pesquisa preencheram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e não tiveram suas identidades reveladas por serem um grupo de população vulnerável no Brasil.

Como a pesquisa tem o esporte, no caso o futebol, como um dos temas de pesquisa nomeamos cada sujeito com o nome do artilheiro de suas respectivas seleções nacionais para deixar o texto mais fluido ao leitor. Com exceção da Guiné-Bissau, que teve dois sujeitos entrevistados e optou-se por utilizar o primeiro nome dos dois maiores goleadores das equipes, e de Cabo Verde, já que a única mulher entrevistada pela pesquisa é oriunda do país e optou-se por apelidá-la com nome da atual capitã do time nacional feminino.

Esses sujeitos foram divididos em dois grupos. Um grupo, contendo cinco indivíduos, foi formado por refugiados reconhecidos ou aguardando uma resposta sobre a solicitação de refúgio. O outro grupo, com os demais cinco sujeitos, foi formado por migrantes em situação legal no país. Optou-se também por diferenciar esses sujeitos devido suas situações migratórias no Brasil, já que migrantes e refugiados ou pessoas em situação de solicitação de refúgio não tem o mesmo status jurídico perante a lei brasileira, embora o senso comum muitas vezes os coloque como em igual situação (Cararo & Souza, 2020, p. 16-17).

Ambos os grupos foram questionados sobre: (i) quais foram os motivos que o fizeram pedir refúgio ou imigrar ao Brasil; (ii) se encontrou muitas dificuldades de adaptação no Brasil; (iii) sua percepção sobre como vê a sociedade brasileira avalia a questão do acolhimento a refugiados; (iv) se a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi importante para o aproximar das comunidades e de outros refugiados em situação semelhante e se ela foi importante no processo de adaptação no Brasil; (v) se acredita que atividades de esporte e lazer para refugiados podem ajudar na integração social da população refugiada no Brasil.

Note-se que há apenas uma distinção entre o questionário aplicado, justamente na questão

inicial. O primeiro grupo, formado por refugiados reconhecidos ou aguardando uma resposta sobre a solicitação de refúgio foi perguntado os motivos de solicitar refúgio, enquanto o segundo grupo, formado por migrantes em situação legal no país, foram questionados sobre as razões por migrar de forma voluntária ao Brasil.

Todas as questões aplicadas no questionário respeitaram o direito de fala dos indivíduos ouvidos, que ficaram à vontade para responder ou não aos questionamentos seguindo um ponto fundamental que Creswell (2014) afirma como essencial para um bom processo da pesquisa: a questão de ética. Segundo o pesquisador, “em uma entrevista para pesquisa é preciso ser sensível a situação de pessoas em situação de vulnerabilidade e é necessário estar sempre atento as circunstâncias que possam colocar estes cidadãos em risco” (Creswell, 2014, p. 58).

A pesquisa de doutorado, da qual este artigo é derivado, se utilizou do material teórico de pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento como ciências humanas, ciências sociais, estudos do esporte, entre outros, de veículos de imprensa e de órgãos oficiais de governo e entidades transnacionais, mostrando como o campo dos estudos migratórios é bastante amplo e rico em possibilidades de pesquisa, além das entrevistas. Porém, como o foco deste artigo é analisar os resultados das entrevistas semiestruturadas através da análise do Discurso do Sujeito Coletivo, iremos focar especialmente nessa metodologia.

## Resultados e discussões

Primeiramente será apresentada uma análise individual das falas dentro do contexto da entrevista, seguido por citações que representam os coletivos dos refugiados e migrantes e finalmente a análise do discurso do sujeito coletivo através da metodologia de Lefevre e Lefevre (2005; 2012). Abaixo os dois grupos de indivíduos entrevistados foram separados, como pode ser observado nas tabelas abaixo:

**Tabela 1.** Sujeito coletivo refugiado e solicitante de refúgio

Entrevistado	País de origem	Situação migratória	Idade
Dieumerci	República Democrática do Congo	Refugiado	43
Nando	Guiné-Bissau	Solicitante de refúgio	30
Seydou	Mali	Refugiado	40
Ibrahima	Guiné Conacri	Refugiado	23
Firas	Síria	Refugiado	30

Fonte: Levantamento realizado pelo autor. O nome de cada entrevistado remete ao maior artilheiro da seleção do país deste indivíduo.

**Tabela 2.** Sujeito coletivo migrante em situação legal no país

Entrevistado	País de origem	Situação migratória	Idade
Piqueti	Guiné-Bissau	Migrante	38
Samuel	Camarões	Migrante	33
Fabrice	Angola	Migrante	32
Radamel	Colômbia	Migrante	33
Varsénia	Cabo Verde	Migrante	35

Fonte: Levantamento realizado pelo autor. O nome de cada entrevistado remete ao maior artilheiro da seleção do país deste indivíduo, com exceção do sujeito de Guiné-Bissau que leva o nome do segundo maior artilheiro pelo fato da pesquisa entrevistar dois indivíduos do país e o nome da entrevistada de Cabo Verde, única mulher ouvida na pesquisa, remete a capitã do time feminino.

As entrevistas realizadas com estes refugiados, o solicitante de refúgio e migrantes trouxeram algumas convergências e divergências em relação aos temas questionados. As maiores similaridades ocorreram sobre as opiniões destes indivíduos em relação ao que significa a Copa dos Refugiados e Imigrantes para suas vidas, em como ações que envolvam práticas de esporte e lazer podem ser importantes no processo de adaptação e integração destes sujeitos e na visão que estes sujeitos têm sobre os brasileiros. Já as maiores diferenças encontradas ao longo das entrevistas se deram na trajetória de cada sujeito ao chegar ao Brasil, motivadas por uma fuga para salvar suas vidas devido a guerras e perseguições políticas, caso dos refugiados, ou para buscar melhores oportunidades de trabalho e estudo, caso dos migrantes.

Todos os sujeitos entrevistados apontam que a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi um importante elemento em seus processos de adaptação ao Brasil e uma ferramenta essencial na aproximação com comunidades migrantes na cidade de São Paulo, tanto a de seus países de origem, como a de outras nacionalidades. Também foi um consenso entre eles que atividades de esporte e lazer para refugiados e migrantes, são ótimas alternativas para auxiliar no processo de integração desta população no Brasil. Trabalhos acadêmicos que utilizaram entrevistas semiestruturadas como metodologia (Vianna & Lovisolo, 2011; Bickel, Marques & Santos, 2012), já haviam demonstrado a relevância das atividades de esporte e lazer como elemento de integração para um determinado grupo social, no caso destes estudos com professores e estudantes.

Entre os refugiados e solicitante de refúgio houve convergência, principalmente, sobre o que representam eventos que tenham o esporte e lazer como agentes para integração social destas populações. A fala de Dieumerci é justamente sobre isso:

Esporte é um meio pragmático de integração dos migrantes. Porque eu digo isso. Porque pegando o esporte mais popular que é o futebol, nele mesmo não há discriminação. Não tem divisão, não tem racismo, não tem partido político, não tem religião. Significa uma ferramenta positiva para que todo mundo que se integre. E isso vai acontecer. O que é a base da integração? É todo mundo ficar igual. Por isso que no futebol tem 11 jogadores em cada time. O futebol acaba por identificar pessoas com número, para saber qual a importância que ele tem. Serve para criar esse vínculo de time, porque o ser humano é muito egoísta. Mas nós somos obrigados a viver em equipe. Eu e ele somos refugiados e precisamos jogar como time. Se nós, refugiados, nos integramos como companheiros de time, vamos nos integrar no Brasil facilmente. Se não conseguimos nos integrar entre nós, como é que a gente vai se integrar no Brasil?

Nando reforça ainda que a Copa dos Refugiados e Imigrantes é uma boa alternativa para poder criar vínculos não só entre eles, mas também com os brasileiros que assistem aos jogos:

Com toda a certeza a Copa ajuda bastante. Se pararmos para ver, o futebol é um tipo de modalidade que você sabe que vai conseguir fazer novas amizades, que todo mundo vai interagir e vai ter um clima bem legal. É muito bom para nós imigrantes que a Copa exista, porque aqui no Brasil falta muita informação sobre outros povos que vem de fora. Mas através da Copa dos Refugiados, eu vejo muitos brasileiros e brasileiras se interessando pelas nossas histórias, fazendo amizade e se aproximando da nossa comunidade.

Entre os migrantes em situação legal no país, o Piqueti ainda aponta que atividades com esta dinâmica proporcionam acolhimento aos envolvidos:

Nada é tão importante como o acolhimento a uma pessoa que está chegando em um país que não conhece nada. Sendo acolhido você tem passos para dar e poder procurar o futuro. A Copa dos Refugiados não é somente reunir as pessoas para jogar futebol. É muito mais. É dar esperança para quem achou que a esperança morreu. Isso não tem nada igual. Outras atividades esportivas seriam importantes porque para nós não é uma questão só de jogo. É questão de recreação, de troca de cultura e mais ainda de harmonia, de não se sentir sozinho. Uma questão de acolhimento.

Varsénia, única mulher entrevistada, completa:

Essas atividades são coisas extremamente importantes, porque no esporte você não precisa falar português. E a língua é uma barreira muito grande para os grupos de migrantes. E se a gente tiver mais apoio em atividades culturais, de lazer e esportivas, ajudará a quebrar muito mais barreiras.

Além do acolhimento, Fabrice conta que a Copa ajuda inclusive, a firmar laços com outras comunidades migrantes que em seu local de origem jamais teria possibilidade de acontecer. Ele cita como exemplo, as relações de seu país, Angola, com outros Estados africanos:

A Copa dos Refugiados também é boa, nos ajuda a fazer essa integração porque nós não conhecemos todo mundo e sempre chegam novas pessoas. Dessa forma passamos a conhecer os sírios, uma comunidade da qual a gente nunca teve contato, com o pessoal de Senegal, Guiné Bissau e tantos outros. A comunidade que a gente tinha mais contato era o da República Democrática do Congo por causa da proximidade territorial e parte cultural. Então através da Copa a gente passa a ter essa conexão e conhece essas outras pessoas.

Estes depoimentos reforçam o argumento de que através do esporte é possível realizar integração com pessoas em situação de deslocamento forçado, afinal “o esporte é um importante elemento sociocultural e um ótimo campo para compreensão de diversas questões sociais, políticas, culturais, comportamentais entre outras” (Freitas, 2022, p. 6-8) e “está presente não apenas na vida de quem se dedica a alguma prática esportiva, mas, quase de forma onipresente, em diversas esferas de atuação, participando da vida cotidiana de pessoas de diferentes regiões, culturas, idades, sexos, crenças, profissões” (Marques (2015, p. 149).

Assim como enxergar práticas de esporte e lazer como ferramentas para integração e a importância da Copa dos Refugiados e Imigrantes, a visão dos brasileiros como um povo acolhedor também foi uma afirmação frequente nos depoimentos colhidos pela pesquisa. É um consenso entre o coletivo de refugiados e solicitante de refúgio que o brasileiro seja receptivo, mesmo tendo dificuldades ou poucas informações sobre as questões de migração e refúgio como aponta Seydou:

O acolhimento foi bom porque o brasileiro é uma pessoa alegre e tive várias ONGs me ajudando. Porém, o conhecimento do povo brasileiro sobre a causa de refúgio era algo muito ruim. Muita gente, muitos brasileiros, achavam que quando se chama alguém de refugiado está se referindo era algo ruim, uma pessoa ruim, uma pessoa criminosa. A palavra refugiado, as pessoas não entendem. Tem muitos brasileiros que pensam que nós que estamos refugiados aqui, somos pessoas ruins. Não há o interesse em saber o causou o motivo da gente sair da nossa casa e vir para cá.

Firas diz ainda que mesmo sendo um país que conta diversos descendentes de migrantes, o Brasil precisa ter leis mais eficientes e o brasileiro precisa se aprofundar sobre a causa:

A sociedade do Brasil, especialmente de São Paulo, é uma das cidades mais cosmopolita do mundo, com uma diversidade gigante. São pessoas que procuraram o Brasil por diversos motivos, tem meus ancestrais e antepassados sírios e libaneses, tem os japoneses, tem os africanos, vários. Existem problemas por falta de informação, mas acredito que a maioria nos acolhe, abraça e ajuda. Mas isso é devido também a faltas de políticas públicas. No

Brasil tem leis bonitas que estão escritas, uma Constituição positivista, mas você não vê a lei sendo implementada, executada e respeitada.

Esta percepção de que o brasileiro é um povo acolhedor, mas sem conhecimento sobre a questão migratória, também foi citado pelo coletivo de migrantes. Na opinião desse coletivo, o brasileiro acaba, mesmo que de forma inconsciente, reforçando estereótipos sobre a origem dos migrantes e refugiados em discursos pré-construídos ligados a nacionalidade do estrangeiro, estabelecendo uma relação simbólica entre uma ilusão do real a partir de uma memória sobre outro (Rizental, 2018). Como o colombiano Radamel afirma isso ao dizer:

Algumas dificuldades como todo migrante, eu também passei. Porém, notei um pouco de preconceito e ignorância que algumas pessoas têm em relação ao meu país. Como por exemplo, onde fica a Colômbia, se eu tinha algum “pózinho” para dar a eles, fazendo alusão a cocaína, se conhecia algum traficante, coisas assim. São os estereótipos que muitas vezes a pessoas repetem sem ter conhecimento.

Samuel afirmou que a falta de conhecimento do brasileiro sobre a questão do refúgio e da migração, pode acabar não só sendo prejudicial ao migrante, mas também ao próprio cidadão do Brasil. Ele lembrou que muitos refugiados são profissionais qualificados e que podem ajudar e colaborar com o novo país onde estão residindo:

Eu não culparia essas pessoas porque de uma forma bem literal, eu diria que é uma ignorância, sem forma de xingamento, mas na falta de conhecimento de quem é um imigrante. Porque eu posso ser um imigrante e não falar português corretamente, mas eu tenho uma formação e você pode me tratar de uma forma ignorante sem saber minha origem. Mesmo assim eu tenho capacidade de te ensinar coisas novas e colaborar com você.

Quando questionados sobre a adaptação ao país, o coletivo de refugiados e solicitante de refúgio afirmou que houve um choque inicial ao manter contato na nova sociedade, algo que também já havia sido notado em pesquisas semelhantes com populações migrantes no Brasil (Cursino, 2022; Portela & Schwinn, 2018). Todos disseram que essa novidade foi de alguma forma essencial para suas adaptações no país, principalmente nos aspectos culturais, relacionados ao idioma e a alimentação. Como conta Ibrahima:

As coisas que mais tive dificuldade em me adaptar foi na parte da comida. Não conseguia comer arroz e feijão no mesmo prato, porque não conhecia isso e não era comum onde vivo. Até hoje não consigo me adaptar em comer arroz e feijão juntos no Brasil. Até hoje isso não entrou na minha alimentação, mas era uma etapa que tive que passar para me adaptar aqui.

Referente a questão do idioma, o Firas foi bastante explícito ao falar sobre as dificuldades com a nova língua, agravando a situação ao revelar que sabia uma única palavra em português:

No começo foi muito difícil. Não falava nada de português, não conhecia ninguém. Foi muito difícil a comunicação. Minha língua nativa é árabe, mas na Síria havíamos estudado inglês e francês, mas não é tão fácil assim. Mesmo no meio acadêmico a gente estuda inglês e francês, mas isso não garantiu que aqui no Brasil eu conseguiria me comunicar. Isso dificultou a minha integração, meu desenvolvimento. Mas aprendi o português na pele, só de ouvir, na convivência.

A dificuldade linguística também foi relatada pelo coletivo de migrantes no Brasil. Alguns deles, mesmo tendo o português como língua nativa encontraram desafios para se comunicar com os nativos devido a algumas diferenças como gírias, como afirma Varsénia:

Com o idioma eu tive um pouco de dificuldade para compreender algumas gírias e aí eu ficava naquela situação de “não posso falar isso aqui”, como, por exemplo, em Cabo Verde falamos “ficar na bicha” e aqui é ficar na fila”, coisas assim. Eu ficava meio preocupada de falar isso. Quando eu começava a falar com alguém, eles perguntavam de onde eu era e gostavam do meu sotaque. Mas aí eu me esforcei para tirar meu sotaque. Pensava que seria mais fácil me integrar sem o sotaque, mas isso me prejudicou na integração.

Falando em gíria, um migrante que não tinha o português como língua materna precisou “dar seus pulos”, e criar um jeito de aprender o novo idioma como conta o Samuel:

Por um lado, foi muito bom para mim poder já ir começando a aprender o português e me esforçar mais. Automaticamente eu estava no meio dos brasileiros que me acolheram muito bem e me esforcei a aprender na “raça”, como vocês dizem, o português com os brasileiros mesmo. E minha curiosidade ajudou bastante porque tinha muita vontade de aprender a falar português.

Entre os entrevistados negros, também se observou que muitos não imaginavam que pudesse haver casos de racismo no Brasil, devido ao fato do país ter a maior população negra do mundo fora de África. Além disso, vende-se no exterior a imagem de um país harmônico racialmente (Schwarcz, 1994), o que chocou inicialmente esses sujeitos. Piqueti aponta que isso foi bastante impactante quando chegou no país:

O preconceito racial foi o maior choque que tive aqui. Sabia que o Brasil era um país de maioria de população negra, mas vivendo aqui há tanto tempo vejo que a população negra ainda sofre por sua cor de pele e isso foi um grande choque. A comunidade brasileira recebe a todos, mas não acolhe bem.

Uma similaridade comum entre os dois grupos foi o apoio recebido de organizações humanitárias em suas chegadas ao Brasil. Tanto os refugiados, quanto os migrantes chegaram a viver em alojamentos oferecidos pela Missão Paz e pela Cáritas Arquidiocesana na cidade de São Paulo. As duas instituições, ligadas a Igreja Católica se notabilizaram por abraçar a causa da migração e do refúgio ao longo das últimas décadas.

A Missão Paz é uma entidade de apoio aos refugiados e migrantes que buscam por auxílio ou local para morar na capital paulista e ainda oferece abrigo e programas de integração a população refugiada, como aulas de português e assistência documental. Já a Cáritas está presente no Brasil desde 1956 e é uma das confederações de organizações humanitárias da Igreja Católica que presta auxílio para populações vulneráveis em todo o mundo. A entidade tem dois escritórios no país, um em São Paulo e outro no Rio de Janeiro.

Entre os exemplos colhidos nas entrevistas, Dieumerci afirmou que teve auxílio da Missão Paz e demonstra gratidão aos amigos feitos no local:

Quando cheguei em São Paulo, morei um tempo na casa de migrantes lá na Missão Paz, e tive muito suporte do Padre Paolo e do Padre Antenor. Sou muito grato a eles por me ajudarem e me acolherem.

Demonstração semelhante de Ibrahima sobre o período que passou na Cáritas, que segundo ele foi fundamental para sua adaptação e acolhida no Brasil:

A primeira noite aqui no Brasil eu dormi na rua, na Praça da Sé. Durante a noite as minhas coisas foram roubadas. No dia seguinte conheci um cara que era casado com uma africana e ele falava francês. Vi que ele estava falando no celular em francês e aproximei dele. Aí expliquei minha situação para ele e ele me disse que não podia me ajudar muito. Mas ele me indicou uma ONG que poderia me ajudar. Na verdade, era a Cáritas que ficava ali perto, na Praça da Sé. Ele me levou lá e imediatamente eles procuraram um abrigo para mim.

Inclusive, houve quem fosse ajudado pelas duas instituições em sua chegada a São Paulo, como ocorreu com Fabrice:

Quando cheguei aqui procurei onde ficava a comunidade angolana e fui me inserindo. Aí procurei a Cáritas porque não tinha onde ficar. Inclusive eu morei na Missão Paz por três meses após uma indicação do Cáritas. Depois conheci pessoas da comunidade angolana que me ajudaram e correu tudo de forma tranquila.

Sobre as divergências elas se deram especialmente nos motivos que os trouxeram ao Brasil. No coletivo de refugiados e solicitante de refúgio a questão era devido a diversas questões que obrigaram este grupo a se deslocar, como fuga de conflitos ou perseguições políticas. Já entre os migrantes a opção pelo país se deu por motivos profissionais ou estudantis. A jornada, que foi bastante dura, também se revelou como complexa no novo país. O Brasil era completamente desconhecido pela maioria dos refugiados entrevistados, algo que esses sujeitos só foram perceber quando chegaram no país. Porém, para eles não havia muita opção, como diz Dieumerci:

Minha vinda para cá não foi uma escolha, porque nunca pensei em estar no Brasil. E o Brasil para mim foi um salva-vidas porque estava em uma situação de que precisava fugir para

salvar minha vida e aí consegui visto para vir ao Brasil e fiquei no Brasil. Porque se pudesse escolher algum lugar teria escolhido um país onde poderia me adaptar pela língua, já que o idioma foi um desafio para mim, em tentar compreender e entender o português. Por isso não tive um momento de escolha e vim para cá, porque o refugiado é alguém que não tem como escolher. A situação que se apresenta é a de salvar sua vida, ele tem que pegar essa oportunidade e sair do país.

Firas, também não sabia quase nada sobre o Brasil, mas afirmou que a abertura de um visto humanitário do governo brasileiro para cidadãos sírios o motivou a escolher o país sul-americano para se refugiar:

No momento em que eu vi que o Brasil liberou uma portaria de visto humanitário para a população síria corri atrás, paguei o meu visto, paguei minha passagem e cheguei no Brasil no dia 8 de fevereiro de 2014. Então isso ajudou muito, porque sem o visto humanitário eu dificilmente iria ter conseguido ter tirado o visto para o Brasil.

Em relação ao coletivo de migrantes a escolha pelo Brasil foi menos traumática, pois todos tinham objetivos a atingir no país. É o caso de Varsénia que afirmou gostar do estilo de vida brasileiro, mesmo nunca tendo viajado ao país. Muito provavelmente ela absorveu da visão estereotipada do país no exterior como um país acolhedor, caloroso e afável (Scheyerl & Siqueira, 2008), algo bastante comum na jornada de migrantes. Ela conta:

Vim aqui para o Brasil estudar e foi o primeiro país do exterior que eu viajei. Escolhi o Brasil porque via aquela coisa de que o povo é tudo mais alegre, mais aberto. Me identificava mais com o jeito do brasileiro, acho que tem mais a ver com a gente. Mas foi muito difícil porque eu vi que não era aquilo lá que vendiam para gente.

Uma vez como migrante em uma nova sociedade, as identidades desses sujeitos passam a sofrer mudanças e adaptações a nova realidade, num processo de reterritorialização (Aguiar, 2021, p. 29). Assim, a identidade desses sujeitos é transformada com o passar do tempo (Hall, 2014, p. 35), absorvendo aspectos da cultura do novo local e a mesclando com sua própria cultura, além de ir se identificando com outros semelhantes. Foi o que ocorreu com Piqueti que mesmo vivendo no Brasil como um estudante e migrante, se identificou com os refugiados e afirmou que o principal motivo para essa mudança de comportamento foi justamente o convívio adquirido com a Copa dos Refugiados e Imigrantes:

Por mais que eu tenha chegado aqui com a documentação de estudante, não posso me acomodar. Tenho que ajudar os meus próximos e irmãos a conseguirem seus documentos para estarem livres e quebrar todas as barreiras que nos são impostas. Não vim para cá como refugiado, mas eu me sinto como um refugiado. E foi a experiência da Copa dos Refugiados que me ajudou nesse aspecto. Me ajudou a enxergar um outro lado.

Para ilustrar um pouco mais os depoimentos colhidos nas entrevistas, será apresentado ao leitor algumas frases que concebem uma totalidade das representações sociais dos refugiados, do solicitante de refúgio e dos migrantes, a partir das questões e objetivos que moveram a pesquisa. O contexto geral destas falas já foi discutido anteriormente, desta forma, as frases estão em consonância com o contexto apresentado.

**Tabela 3.** Frases que representam os coletivos de refugiados e migrantes

<b>Pontos abordados</b>	<b>Frases colhidas nas entrevistas</b>
<b>Motivos da solicitação de refúgio ou imigração ao Brasil</b>	Minha vinda para cá não foi uma escolha; precisava salvar minha vida; o Brasil liberou um visto humanitário; o processo de documentação de refugiado é burocrático; conhecia muito pouco do Brasil; vim aqui para o Brasil estudar; já tinha todos os documentos para viajar.
<b>Dificuldades de adaptação no Brasil</b>	O idioma foi uma das coisas que mais tive dificuldade; a população negra ainda sofre por sua cor de pele e isso foi um grande choque para mim; tive que aprender português na raça; tive mais dificuldade em compreender o jeito de vida do brasileiro; até hoje não consigo me adaptar em comer arroz e feijão juntos no Brasil; sofri um choque cultural
<b>Percepção sobre como a sociedade brasileira vê a questão do acolhimento a refugiado</b>	O brasileiro é um povo acolhedor; o brasileiro na sua maioria não tem informação sobre a questão do refúgio; fui muito bem acolhido aqui no Brasil; o brasileiro é uma pessoa alegre; o brasileiro confundia os africanos com os haitianos; agora tem sido fácil a convivência com os brasileiros; tem muitos brasileiros que pensam que nós refugiados somos pessoas ruins; notei um pouco de preconceito e ignorância que algumas pessoas têm em relação ao meu país.
<b>Importância da Copa dos Refugiados o processo de adaptação no Brasil e opinião sobre práticas de esporte e lazer como elementos de integração</b>	A Copa dos Refugiados e Imigrantes visibilizou a causa do refúgio; o futebol é união; esporte é um meio pragmático de integração dos imigrantes; a Copa dos Refugiados e Imigrantes trouxe alegria e juntou as pessoas; a Copa dos Refugiados e Imigrantes proporcionou acolhimento a comunidade migrante; a gente acaba fazendo muitas amizades com pessoas de diferentes

	países através dos jogos; pudemos passar nossa mensagem através do esporte; a Copa dos Refugiados e Imigrantes serviu para intermediar a relações entre o nativo e o migrante.
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Levantamento realizado pelo autor.

Utilizando a metodologia da Análise do Sujeito Coletivo, o coletivo refugiado e solicitante de refúgio tem aproximadamente de 33 anos de idade, conhecia pouco ou quase nada sobre o Brasil quando solicitou refúgio, afirma que o processo de solicitação de refúgio foi demorado, aponta o cidadão brasileiro como um sujeito acolhedor e participou ou esteve envolvido na organização da Copa dos Refugiados e Imigrantes. Todos relatam estar já adaptados ao estilo de vida dos brasileiros e após anos no país chegaram a estudar em algum momento e atualmente têm emprego.

Quando questionado sobre os motivos que o fizeram pedir refúgio no Brasil, o coletivo relata que conhecia muito pouco ou quase nada sobre o país, mas acreditava que sua situação no novo local seria melhor do que em seu local de origem, o que pode ser interpretado como uma construção no imaginário desses sujeitos devido a representação que o Brasil tem no exterior, principalmente graças a sua cultura e tradições populares (Rizental, 2017, p. 53). Sobre as dificuldades de adaptação, relataram terem passado por alguns momentos de adversidade, principalmente no início de suas jornadas em território brasileiro, principalmente devido as diferenças culturais e linguísticas, descrevendo uma sensação como um choque cultural.

Sobre a relação com os nativos do Brasil, o coletivo define o brasileiro como um sujeito acolhedor e receptivo, mas com limitações sobre a causa do refúgio, mas crê que com mais informações o brasileiro mudará seu comportamento. Referente a questão esportiva, defende práticas de esporte e lazer como ações importantes e classifica de forma positiva a Copa dos Refugiados e Imigrantes, relatando a importância dela para o processo de integração do coletivo no país, os aproximando de demais membros da comunidade migrante, fortalecer as identidades migrantes e proporcionando a oportunidade de conhecer e acolher semelhantes, gerando um sentimento de unidade entre os membros semelhante a comunidade imaginada de Anderson (2008).

Já o coletivo migrante em situação legal no país tem aproximadamente de 34 anos de idade, já tinha alguma informação sobre como era o Brasil quando migrou, teve os estudos e oportunidades de trabalho como principais motivos para realizar esta migração, classifica o cidadão brasileiro como um sujeito receptivo, já está adaptado ao estilo de vida dos brasileiros e participou ou esteve envolvido na organização da Copa dos Refugiados e Imigrantes.

Sobre os motivos que os fizeram migrar para o Brasil estão a oportunidade de estudar e de trabalhar no país, cursar uma graduação ou pós-graduação, já tinha os vistos necessários para iniciar seus estudos no Brasil e um local para residir. Referente as dificuldades de adaptação no país, o coletivo reconheceu que teve alguns desafios iniciais, principalmente nas questões culturais. Porém, com o passar do tempo conseguiu compreender o estilo de vida e soube absorver aos hábitos culinários brasileiros a sua rotina como forma de inserção e reconhecimento na sociedade (Altoé & Azevedo, 2018).

Em relação aos brasileiros, classifica o brasileiro como alguém receptivo e disposto a acolher, mas que muitas vezes, por falta de informação e conhecimento sobre as questões migratórias, replica comportamentos preconceituosos e reforça alguns estereótipos em relação a migrantes e refugiados (Rizental, 2018). Por fim, define a Copa dos Refugiados e Imigrantes como um acontecimento importante em sua vida pessoal, pois pode fazer novos contatos e criar uma rede de relações, se conectar com indivíduos em condição de deslocamento que o ajudou na conscientização sobre a questão do refúgio e que práticas de esporte e lazer são de suma importância para o processo de integração de refugiados e migrantes na sociedade, defendendo que ações deste tipo sejam realizadas e apoiadas.

### **Considerações finais**

Através de entrevistas semiestruturadas com deslocados internacionais e analisadas pela metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo, este artigo procurou trazer o ponto de vista destes indivíduos sobre como a Copa dos Refugiados e Imigrantes foi relevante para ajudar na adaptação destas pessoas no Brasil. Através desta prática de esporte e lazer, o coletivo conseguiu formar fortes vínculos com pessoas vivendo em situação semelhante no país, fortalecer sua 'identidade migrante', promover uma aproximação com a população brasileira através do futebol e admitir que o evento foi importante para o processo de integração de refugidos e migrantes no Brasil.

Observou-se ainda a relevância de como práticas de esporte e lazer podem gerar discussões de âmbito social. A Copa dos Refugiados e Imigrantes, um evento que foi criado em 2014 visando apenas reunir refugiados para jogar futebol entre si, ganhou enormes proporções nos anos seguintes e se tornou uma grande vitrine para esses sujeitos no Brasil, mostra de como ações de cunho esportivo podem ser eficientes para chamar a atenção tanto da sociedade civil, quanto dos poderes públicos e privados, para a causa do refúgio no país.

Reforça-se ainda nestas considerações finais a importância de pesquisas envolvendo a causa do refúgio e dos estudos migratórios, preferencialmente ouvindo os migrantes e refugiados. Através

de suas biografias, podemos coletar ricos depoimentos que nos ajudam a compreender um pouco mais deste complexo campo de pesquisa. Como bem pontua Moreira:

Por fim, destaca-se a relevância de se ampliar a discussão e se produzir mais pesquisas de cunho teórico-conceitual, metodológico e empírico sobre a integração de refugiados – sobretudo no Brasil, onde o tema é incipiente e vem se constituindo uma comunidade acadêmica a ele dedicada. As contribuições seriam de fato enriquecedoras se conseguissem explorar as percepções, perspectivas e experiências dos próprios refugiados a fim de captar como os processos de integração são vivenciados por esses sujeitos. Somente assim, a partir de suas vozes e seus olhares, será possível conhecer e compreender mais densamente tal fenômeno no país. (Moreira, 2014, p. 96).

E o esporte por ser uma importante manifestação social, política, cultural, estar presente em praticamente todas as classes sociais e ser um elemento essencial para a cultura de massas (Marques, Almeida & Gutierrez, 2007, p. 227; Suppo, 2012, p. 420) é uma excelente área para entendermos as complexidades da sociedade contemporânea. Aproximar a área de estudos do esporte de outras esferas interdisciplinares, como este artigo o faz através dos estudos migratórios, é apenas uma demonstração de como temos um vasto campo para futuras e inovadoras pesquisas referentes as relações do esporte com a sociedade,

## Referências

Aguiar, M. E. (2021). *Prática médica e imigração: o caso dos refugiados sírios na cidade de São Paulo* [Doutorado em Ciências, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-28092021-095954/pt-br.php>.

Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Bickel, E. A., Marques, M. G. & Santos, G. A. dos. (2012). Esporte e sociedade: a construção de valores na prática esportiva em projetos sociais. *EFDeportes.com*, 17 (171). <https://www.efdeportes.com/efd171/esporte-e-sociedade-a-construcao-de-valores.htm>.

Bockorni, B. R. S. & Gomes, A. F. (2021). A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*, 22 (1), 105-117. <https://doi.org/10.25110/receu.v22i1.8346>.

Boni, V. & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Em Tese UFSC*, 2 (1), 68-80. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>.

Altoé, I. & Azevedo, E. de. (2018). Comida migratória: a cultura alimentar e as identidades de refugiados. *Revista del CESLA*, 2, 247-264.

[https://cejsh.icm.edu.pl/cejsh/element/bwmeta1.element.desklight-bdf4be5e-09db-49e7-969e-b2584943c1f5/c/247-263\\_I\\_Altoe\\_Comida\\_migratoria.pdf](https://cejsh.icm.edu.pl/cejsh/element/bwmeta1.element.desklight-bdf4be5e-09db-49e7-969e-b2584943c1f5/c/247-263_I_Altoe_Comida_migratoria.pdf).

Cararo, A. & Souza, D. P. de. (2020). *Valentes: Histórias de pessoas refugiadas no Brasil*. São Paulo: Seguinte.

Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa & projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. Porto Alegre: Penso.

Cursino, C. A. (2022). Português como língua de acolhimento pelas vozes de migrantes de crise. *Travessias Interativas*, 12 (25), 107-123. <https://doi.org/10.51951/ti.v12i25.p107-123>.

Freitas, G. P. F. de. (2022). A Sociologia do Esporte reflete cada vez mais as questões da sociedade. In: Bettine, M. A. & Freitas, G. S. P. de. (Org.). *Estudos Interdisciplinares em Sociologia do Esporte: v.2* (3-11). São Paulo: Ludens.

Hall, S. (2014). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina.

IMDH, Ficas & MigraMundo. (2019). *Migrações, Refúgio e Apatridia: guia para comunicadores*. São Paulo.

Junger da Silva, G., & et al. (2023). *Refúgio em Números – 8ª edição*. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento das Migrações. Brasília, DF: OBMigra.

Lefevre, F., & Lefevre, A. M. (2005). *Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social*. Brasília: Liber Livro Editora.

Lefevre, F., & Lefevre, A. M. (2012). *Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo: a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo*. Brasília: Liber Livro Editora.

Magalhães, V. B. (2019). A história oral nos estudos das migrações do Nordeste para o Sudeste: relato de pesquisa. *Cadernos CERU*, 30 (1), 293-320. <https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v30i1p293-320>.

Marques, R. F. R. (2015). O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. *Revista Observatorio del Deporte*, 1 (1), 147-185. <https://www.revistaobservatoriodeldeporte.cl/index.php/odep/article/view/39>.

Marques, R. F. R., Almeida, M. A. B. de, & Gutierrez, G. L. (2007). Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. *Movimento*, 13 (3), 225-242. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.3580>.

Moreira, J. B. (2014). Refugiados no Brasil: reflexões acerca do processo de integração local. *REMHU - Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, 43, 85-98. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004306>.

Portella, E. de A., & Schwinn, S. A. (2018). Elementos para (re)pensar a mobilidade humana: globalização, novos fluxos migratórios e políticas públicas. In: Baeninger, R. et. al. (Org.). *Migrações Sul-Sul* (309-324). Campinas: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - Nepo/Unicamp.

Rizental, S. S. (2017). Refugiados: tensões em um imaginário de acolhimento [Mestrado em em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense]. Repositório Institucional da UFF. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3843>.

Rizental, S. S. (2018). Refugiados: tensões em um imaginário de acolhimento. In: Baeninger, R. et. al. (Org.). *Migrações Sul-Sul* (866-874). Campinas: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - Nepo/Unicamp.

Scheyerl, D., & Siqueira, S. (2008). O Brasil pelo olhar do outro: representações de estrangeiros sobre os brasileiros de hoje. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 47 (2), 375-391. <https://doi.org/10.1590/S0103-18132008000200007>.

Schwarcz, L. M. (1994). Espetáculo da miscigenação. *Estudos Avançados*, 8 (20), 137-152. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000100017>.

Suppo, H. (2012). Reflexões sobre o Lugar do Esporte nas Relações Internacionais. *Contexto Internacional*, 34 (2), 397-433. <https://doi.org/10.1590/S0102-85292012000200002>.

Unhcr. (2010). *Convention and Protocol relating to the status of refugees*. Geneva: United Nations High Commissioner for Refugees Communications and Public Information Service. <https://www.unhcr.org/protect/PROTECTION/3b66c2aa10.pdf>.

Unhcr. (2023). *Global Trends: forced displacement in 2022*. United Nations High Commissioner for Refugees. <https://www.unhcr.org/global-trends-report-2022>.

United Nations. (1948, December 10). *Universal Declaration of Human Rights*. United Nations General Assembly. <https://www.un.org/en/about-us/universal-declaration-of-human-rights>.

Vianna, J. A., & Lovisolio, H. R. (2011). A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, 25 (2), 285-296. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092011000200010>.

Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22 (44), 203–220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>.